

de **ARQUEOLOGIA**

1º CONGRESSO

PENINSULAR

1º CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA PENINSULAR

PORTO
FACULDADE DE LETRAS
12 - 18 OUTUBRO
1993



ACTAS VII

PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
1995

**1.º CONGRESSO DE
ARQUEOLOGIA PENINSULAR**

(Porto, 12-18 de Outubro de 1993)

A C T A S

(Coordenação de Vítor Oliveira Jorge)

Vol. VII

SUMÁRIO

- Bernat Martí Oliver**, Director do Servei d' Investigació Prehistòrica (Valência)
(Pré-história)
- Fernando Molina Gonzalez**, Professor Catedrático da Universidade de Granada
(Pré-história)
- Alfonso Moure Romanillo**, Professor Catedrático da Universidade de Santander
(Pré-história)
- Mercedes Roca**, Professora Catedrática da Universidade Central de Barcelona (Arqueologia Clássica)
- Javier Sanchez Palencia**, Colaborador científico do Departamento de Arqueologia do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC, Madrid) (Arqueologia Clássica)
- Manuel Santonja Gomez**, Director do Museu de Salamanca (Pré-história)
- José Manuel Vazquez Varela**, Professor Titular da Universidade de Santiago de Compostela (Pré-história)

Presidentes das Secções

- I – *Pré-história*: **Antonio Arribas Palau**, Professor Catedrático Emérito da Universidade de Granada
- II – *Pré- e Proto-história*: **Hermanfrid Schubart**, Director do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid
- III – *Arqueologia Romana*: **Jorge de Alarcão**, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- IV – *Arqueologia Medieval e Pós-Medieval*: **Carlos Alberto F. Almeida**, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- V (Sessão plenária dia 16-Manhã) – *Contribuições das ciências naturais e “exactas” à Arqueologia*: **Adília Moutinho Alarcão**, Directora do Museu Monográfico de Conímbriga
- VI (Sessão plenária dia 16-Tarde) – *Metodologia e teoria arqueológicas*: **Juan M. Vicent García**, Investigador do Departamento de Prehistoria do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC, Madrid)
- VII – *Workshop sobre Datação pelo Radiocarbono*: **João M. Peixoto Cabral**, Director do Instituto José de Figueiredo (Lisboa)

<i>Preâmbulo</i>	13
<i>Manuel Fernández-Miranda – Curriculum Vitæ</i>	17
<i>Contextualización cultural del conjunto industrial achelense del embalse de Urrúnaga (Alava) en el marco del País Vasco Peninsular</i> , por Javier Fernandez Eraso, Andoni Saenz de Buruaga y Tomás Urigoitia	29
<i>Silex y lustre térmico en el Paleolítico medio. ¿Alteración o técnica de talla? El ejemplo de Mediona I (Alt Penedès, Barcelona)</i> , por Ignacio Clemente Conte	37
<i>Las placas decoradas de la cueva de La Hoz (Sta. María del Espino, Guadalajara): un ejemplo de arte mobiliario paleolítico en la Meseta Castellana</i> , por Rodrigo de Balbín Behrmann, Jose Javier Alcolea Gonzalez y Luis Alfonso Cruz Naimi	49
<i>El yacimiento rupestre paleolítico al aire libre de Siega Verde (Salamanca, España): una vision de conjunto</i> , por Rodrigo de Balbín Behrmann, Jose Javier Alcolea Gonzalez y Manuel Santonja Gomez	73
<i>Propuesta metodológica para el estudio analítico de los útiles pulimentados</i> , por Blanca Pastor y Aitor Ormazabal	103
<i>A Pré-história recente da Serra de Sicó</i> , por Maria Helena Moura e Thierry Aubry	113
<i>Anta da Arquinha da Moura (Tondela)</i> , por Ana Leite da Cunha	133
<i>Aportaciones del monumento de Dombate al megalitismo noroccidental: dataciones de carbono 14 y su contexto arqueológico</i> , por Fernán Alonso Mathías y José Maria Bello Diéguez	153
<i>Mamoã V de Chã de Arcas - Baião. Primeira notícia</i> , por Margarida Moreira e Lourenço Carneiro	183

<i>Escavação da Mamoa 1 do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço) – 1992</i> , por Vítor Oliveira Jorge, Eduardo Jorge Lopes da Silva, António Martinho Baptista e Susana Oliveira Jorge	191	<i>Duratón, município romano. A propósito de un fragmento inédito de ley municipal</i> , por Javier del Hoyo	407
<i>Mamoas 1 e 2 do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço): resultados preliminares do estudo antracológico</i> , por Isabel Figueiral	227	<i>La ciudad tardía en Hispania: problemas metodológicos</i> , por Adela Cepas Palanca	415
<i>Novos dados sobre o povoamento da região de Alcalar (Portimão) no IV e III milénios a. C.</i> , por Rui Parreira e Francisco Serpa	233	<i>Lisboa muçulmana. Um espaço urbano e o seu território</i> , por Cláudio Torres	425
<i>A cerâmica de Castelo Velho (Freixo de Numão, V.ª N.ª de Foz Côa)</i> , por Maria das Dores Cruz	257	<i>O povoamento da área de Aljustrel</i> , por Artur Martins, João Muralha, Alexandra Estorninho e Carlos Ramos	435
<i>Petroglifos: aproximación a la interpretación. El modelo Riscal</i> , por José María Chacón Cano, Luis Iglesias García y Gonzalo Queipo de Llano Martínez	269	<i>Análisis de un elemento del vestuário militar altomedieval peninsular</i> , por Juan Antonio Millán Crespo	455
<i>Imagen y sociedad en la Edad del Bronce de Galicia</i> , por J. M. Vázquez Varela	287	<i>Pautas de poblamiento, definición del espacio y adaptación al medio. La Cuenca del Alagón (Salamanca) hasta el siglo XIII</i> , por Luis Serrano-Piedecabras Fernández	471
<i>El poblamiento durante la Edad del Bronce en la Mancha Oriental (Prov. Albacete). Hipotesis de estudio y primeros resultados</i> , por Manuel Fernández Miranda, Mª Dolores Fernández Posse, Antonio Gilman y Concepción Martín	303	<i>Elementos para o estudo do povoamento medieval do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, distrito da Guarda</i> , por Michael Mathias	495
<i>Sobre las coordenadas culturales del horizonte «tartessico»</i> , por Juan Pedro Garrido Roiz	323	<i>Intervenção arqueológica na Casa do Infante (Porto). Avaliação do projecto em Dezembro de 1994</i> , por Manuel Luís Real, Paulo Dordio Gomes, Ricardo Jorge Teixeira e Maria do Rosário Melo	503
<i>Ânforas do Vale do Tejo. As olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete)</i> , por Jorge Manuel Cordeiro Raposo, Armando José Gonçalves Sabrosa e Ana Luísa Castanheira Duarte	331	<i>Caracterização química de cerâmicas calcolíticas da Anta 1 de Val da Lage e do povoado do Maxial (Alto Ribatejo)</i> , por João P. P. Freitas Coroado e João M. Peixoto Cabral	531
<i>Contexto, procedencia y contenido a partir de nuevas técnicas de análisis: un conjunto de ánforas de Puente Tablas (Jaén)</i> , por C. Rísquez, A. Sánchez y M. L. Cañabate	353		
<i>BCP – Uma unidade de salga de peixe na Rua Augusta, Lisboa</i> , por Jacinta Bugalhão e Armando Sabrosa	379		

A CERÂMICA DE CASTELO VELHO (FREIXO DE NUMÃO, V.º N.º DE FOZ CÔA)*

por

Maria das Dores Cruz**

Resumo: Pretende-se com este trabalho analisar a variabilidade espacio-temporal dos recipientes cerâmicos no interior do povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão) (escavações dirigidas pela Prof.ª Susana O. Jorge). O objectivo principal é definir o papel desempenhado por estes artefactos nas relações sociais das populações do povoado e até que ponto a variabilidade/continuidade dos seus atributos pode funcionar como indicador da variabilidade/continuidade dessas mesmas relações sociais.

Palavras-chave: Cerâmica. Análise social. Calcolítico.

SUMÁRIO

Os finais do III milénio-início do II milénio a.C. representam um período de grandes transformações na Pré-História Recente, conduzindo, em última instância, ao desenvolvimento da diferenciação social na Península Ibérica.

O estudo aqui apresentado enquadra-se num projecto mais alargado de análise, a pequena escala, da variabilidade artefactual no interior de um único povoado – Castelo Velho (Freixo de Numão – Vila Nova de Foz Côa¹), com o principal objectivo teórico de investigar a existência (ou ausência) de variabilidade social nos finais do III milénio—início do II milénio a.C. Utilizou-se como base metodológica a análise da variabilidade morfológica e tecnológica da cerâmica doméstica nas diferentes fases de ocupação do povoado e, durante um mesmo período cronológico, nas suas duas principais áreas, definidas pela existência de muralhas –

* Tendo expirado o prazo para a recepção de originais, o texto que aqui se publica é o que a autora apresentou como “poster” ao Congresso, e nele fez circular sob forma fotocopiada [N.R.-Jan. 1995].

** Department of Anthropology, Binghamton University, P.O. Box 6000 Binghamton, NY 13902-6000 – USA.

¹ V. Susana O. Jorge, O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-história recente do Norte de Portugal, «Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular», vol. I, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 33 (1-2), 1993, pp. 179-216.

interior da muralha 1 (IM) e exterior da muralha 1 (EM) (Fig.1). Compararam-se amostras provenientes das duas áreas do povoado com o intuito de aceder não só à variabilidade de frequências das várias formas e organizações decorativas, como também à maior ou menor concentração de certas formas e/ou organizações decorativas nas referidas áreas.

Partiu-se de uma classificação tipológica das cerâmicas, tendo sido igualmente utilizada a correlação com outros vestígios arqueológicos numa tentativa de identificação de factores de desigualdade no seio de um único grupo. Teve-se, igualmente, em atenção factores deposicionais e post-deposicionais que poderiam falsear os resultados (cf. nossa comunicação a este mesmo congresso).

Por outro lado, as informações de carácter tipológico foram complementadas com dados arquitectónicos do povoado e dados relativos a outros tipos de artefactos.

CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO

As variáveis tidas em atenção são principalmente de carácter morfológico e técnico. Apesar de neste poster serem apresentados somente os atributos *forma e organização decorativa*, outros dados foram analisados: acabamento de superfície, cor de superfície, cor do núcleo, técnicas decorativas, desengordurante, abertura de boca e espessura de paredes. Tentou identificar-se *possíveis funções gerais para os recipientes com forma*, para, através da análise de frequências e de distribuição espacial dos recipientes, se poderem tirar conclusões que ultrapassassem a simples classificação descritiva.

O estudo teve como modelo tipologias já existentes para outros povoados do Norte de Portugal, principalmente as de Castelo de Aguiar², utilizando, sempre que possível, as mesmas designações e atributos. Por vezes foi necessário proceder-se a mudanças pertinentes para o estudo em causa e/ou a uma definição mais rigorosa dos critérios utilizados anteriormente. As tipologias foram construídas *a priori*, tendo subjacente um problema específico, pelo que são tipologias ideais, de acordo com as quais se procedeu posteriormente a identificação dos fragmentos cerâmicos provenientes de Castelo Velho.

1. FORMA

Os atributos da variável forma baseiam-se em princípios geométricos, sendo aplicados principalmente a bordos e à parte superior do corpo, já que só muito

²V. Susana O. Jorge, *Povoados da Pré-história Recente da Região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*, Porto, IAFLUP, 1986.

raramente os recipientes estão completos. Um atributo importante na definição dos vários grupos formais é a abertura de boca; para a definição de subgrupos dentro de cada tipo utilizou-se a existência ou não de estrangulamento do colo, sendo o sub-atributo A caracterizado pela inexistência de colo marcado, B, colo ligeiramente marcado e C com estrangulamento de colo bem marcado.

TIPOS DE FORMAS³

F1 – Esférico de boca muito fechada.

F2 – Esférico alto de boca fechada. Sub-atributos A, B e C.

F3 – Esférico bastante aberto.

F4 – Taças hemisféricas e em calote de esfera. Sub-atributos A, B, C e D. Neste caso os sub-atributos não correspondem à marcação do colo, mas a características das paredes.

F5 – Recipientes geralmente de forma provavelmente ovoide e grandes dimensões. Sub-atributos A, B e C.

F6 – Recipientes de paredes rectas, geralmente com tendência para o tronco-cónico.

F7 – Elipsoide horizontal de boca fechada.

F8 – Recipientes com forma globular, boca fechada e colo alto (estrangulado) e esvasado.

F9 – Recipientes abertos, geralmente de grandes dimensões e paredes rectas. Sub-grupos A e B.

F10 – A forma geral dos recipientes é genericamente semelhante à F5, todavia é mais arredondada e a pasta é muito diferente.

F11 – Esféricos de boca levemente fechada, paredes quase rectas, mas notando-se externamente uma pequena diminuição do diâmetro na zona da boca.

F12 – Formas compósitas carenadas, tendo a parte superior geralmente cilíndrica ou tronco-cónica.

2. ORGANIZAÇÃO DECORATIVA⁴

O estado muito fragmentário de toda a amostra dificultou a identificação das organizações decorativas, todavia procedeu-se sempre a uma classificação ainda que parcial. O princípio fundamental organizador das classes constituintes da or-

³ Estes tipos foram definidos para todas as amostras presentes em Castelo Velho. Contudo, os gráficos aqui apresentados são relativos unicamente às camadas 2, 3 e 4, pelo que nem todas as formas aparecem representadas.

⁴ Tal como para as formas, as organizações decorativas têm sub-grupos que não são aqui definidos.

ganização decorativa baseia-se essencialmente no posicionamento dos motivos no corpo do recipiente, na relação entre os vários motivos e na sua orientação horizontal/vertical. Tentou-se, sempre que possível, combinar o uso das técnicas decorativas e a organização dos motivos para a definição das classes de organização decorativa.

Tipo I – Organização em métopas. Em Castelo Velho só foi identificado o grupo I₂.

Tipo III – Organização em bandas horizontais formadas por incisão e/ou impressão.

Tipo V – Este tipo tem como estrutura base a decoração em bandas horizontais, utilizando geralmente a técnica impressa penteada.

Tipo VII – Incisões irregulares.

Tipo VIII – Caneluras paralelas.

Tipo XV – Organização em quadriculado, podendo utilizar várias técnicas decorativas.

Tipo XXII – Engloba praticamente toda a decoração em relevo, isto é, plástica e medalhões.

CONCLUSÃO

1. Os recipientes cerâmicos integram formas muito simples, essencialmente esféricos, semi-esféricos, calotes de esfera e ovóides, concentrando-se grande maioria dos bordos analisados nos tipos 1 a 5, tendo todos os outros frequências bastante variáveis, mas geralmente baixas.

2. A frequência das formas varia substancialmente de uma camada para outra: as taças em calote predominam na primeira fase de ocupação (IM4), F2 destaca-se em IM2. Em IM3 os grandes vasos (F5) dominam maioritariamente, o que nos leva a sugerir a hipótese de acumulação diferencial de bens de produção nesta área e fase de ocupação.

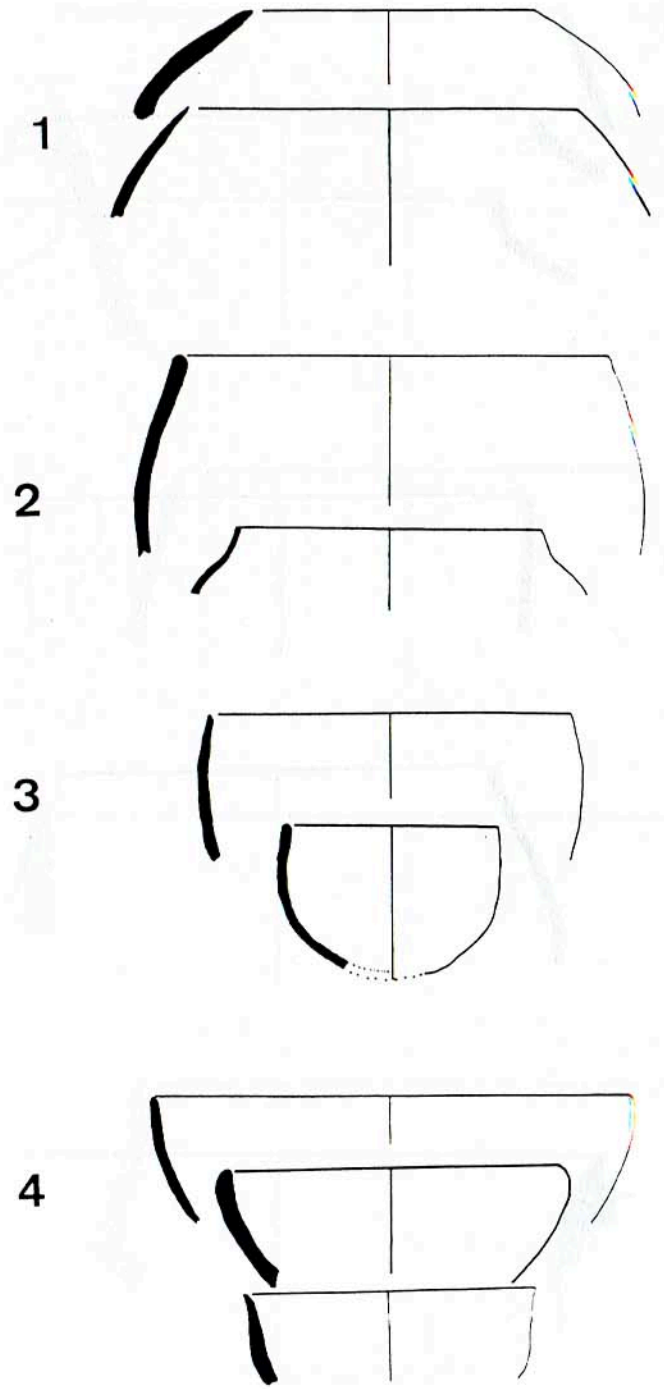
3. Os recipientes lisos e decorados têm frequências bastante equilibradas em todos os níveis estratigráficos, por oposição ao que se passa em outros povoados do Norte, onde os fragmentos decorados predominam.

4. A organização decorativa V predomina maioritariamente, resultando numa extrema homogeneidade de toda a amostra. Esta standartização decorativa levamos a por a hipótese de especialização da produção cerâmica.

5. Observa-se uma certa variabilidade de formas e decoração entre as camadas 4 e 3 e a camada 2. Na camada 2 verificam-se novas formas e novos tipos decorativos, mas há igualmente a registar-se uma certa continuidade de tipos existentes nos períodos de ocupação anteriores. É notável o aparecimento de tipos

de pasta mais friáveis, com desengordurante de maiores dimensões e por vezes acabamentos de superfícies mais grosseiros.

6. A homogeneidade formal e decorativa parece indiciar pouca diferenciação social. Todavia, a frequência e concentração de grandes vasos em IM3, possivelmente destinados a armazenamento, leva-nos a propor uma diferenciação social baseada na acumulação de bens de produção. A cerâmica não parece ter subjacente um valor social, de prestígio, mas as suas possíveis características funcionais parecem indicar a existência de um grupo (ou grupos) com possibilidade de acumulação de bens.



Tipos cerâmicos: 1 a 4.

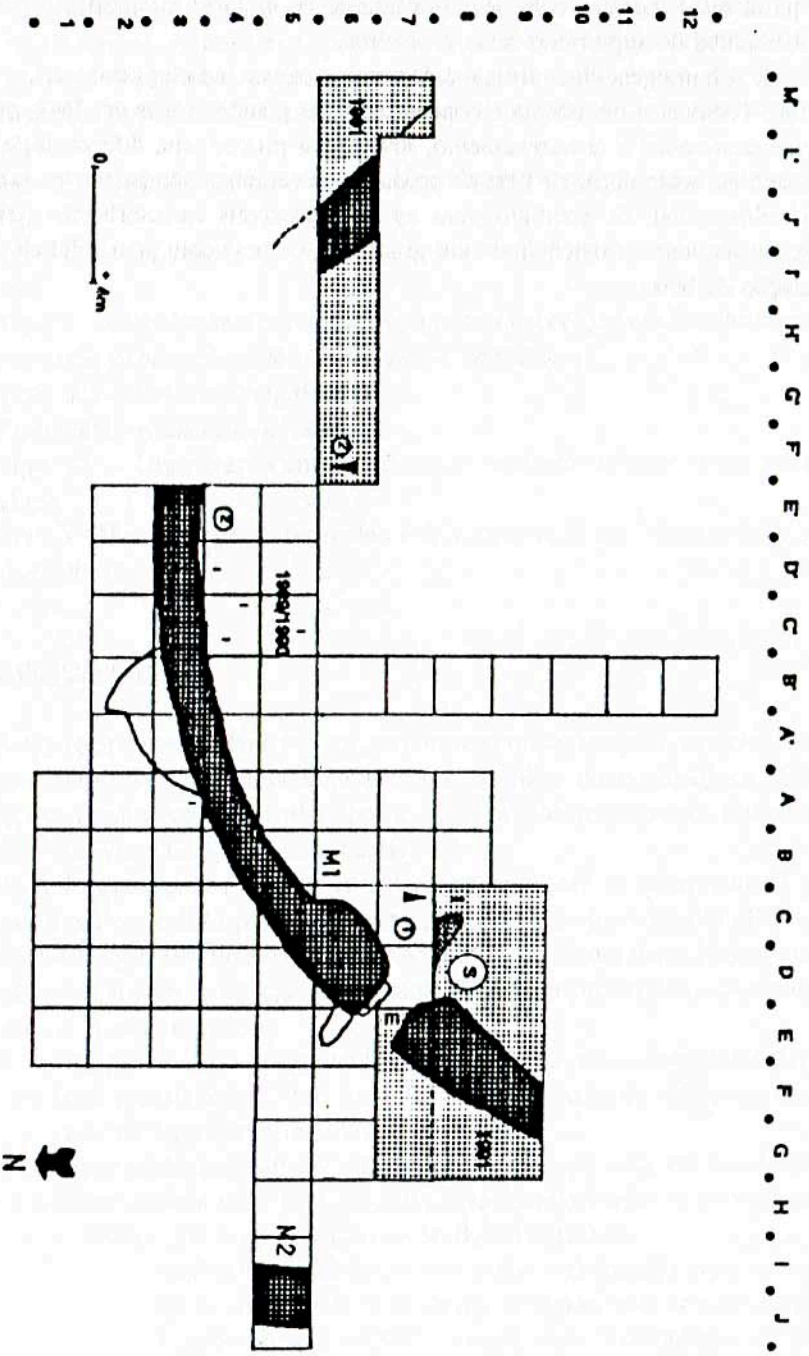
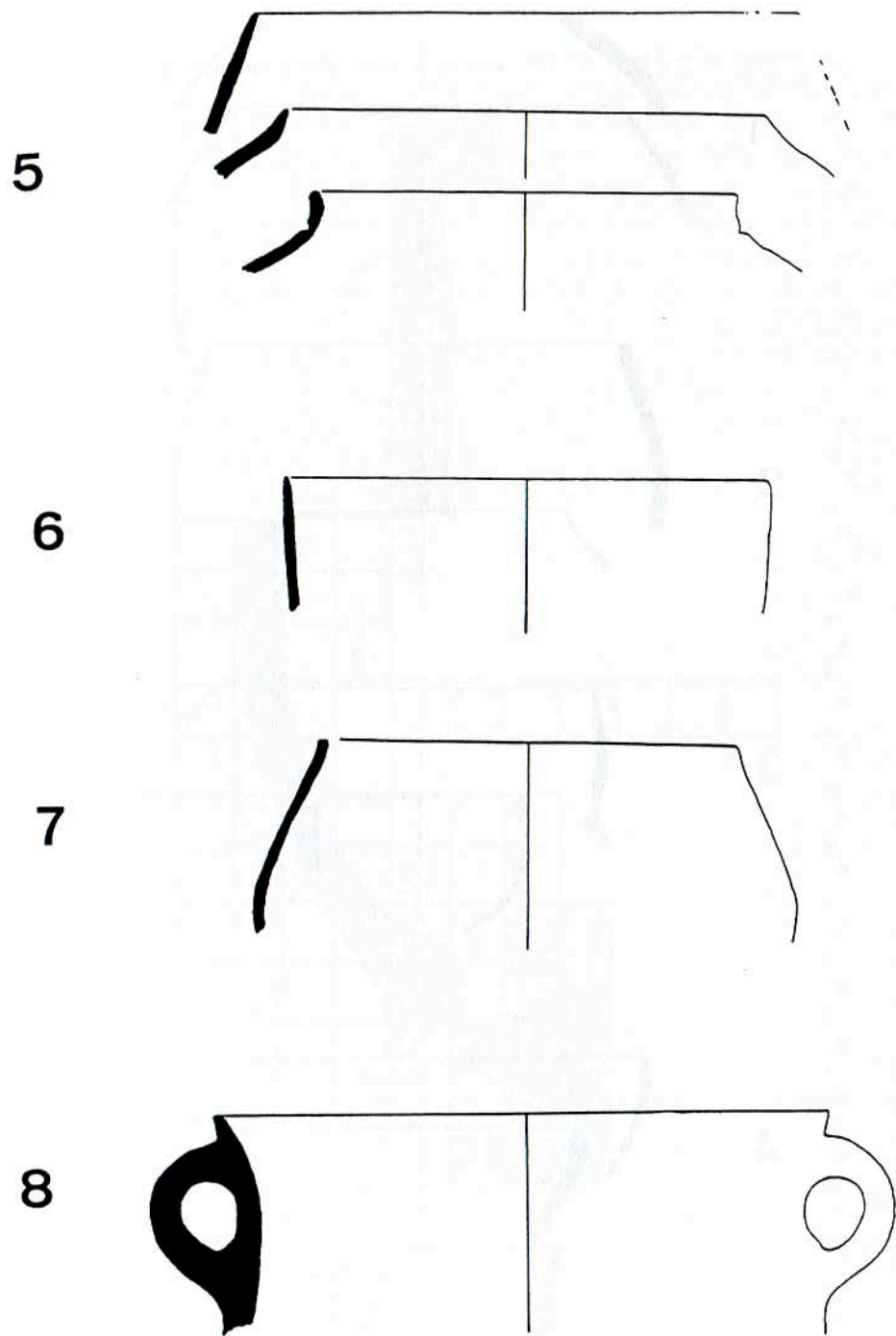
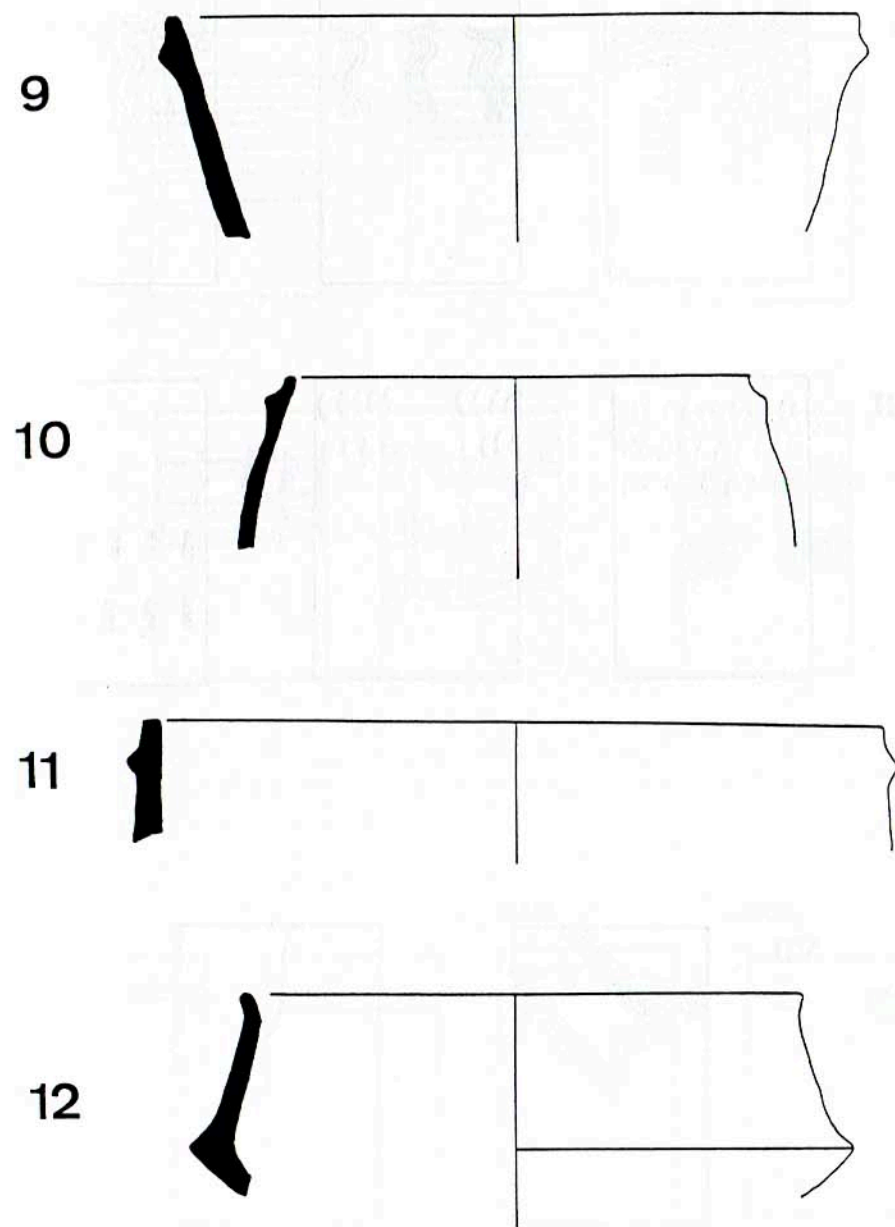


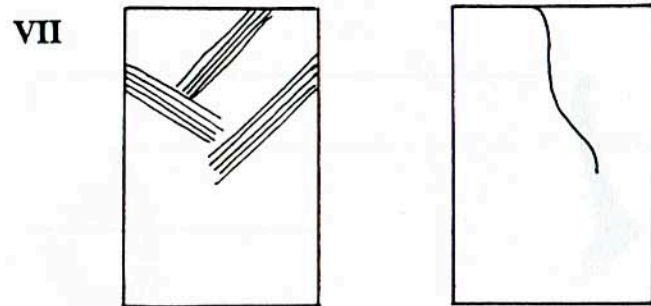
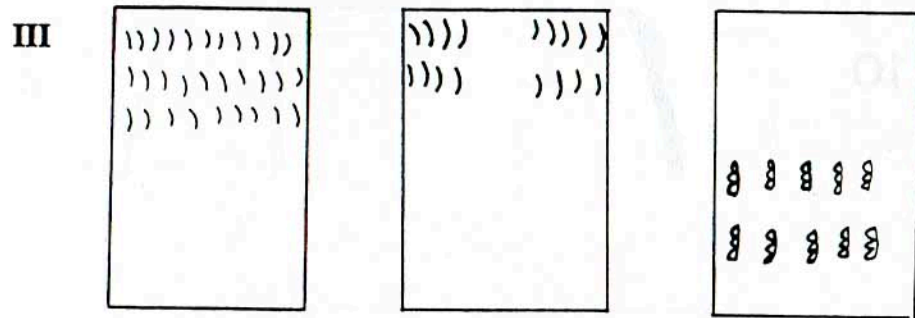
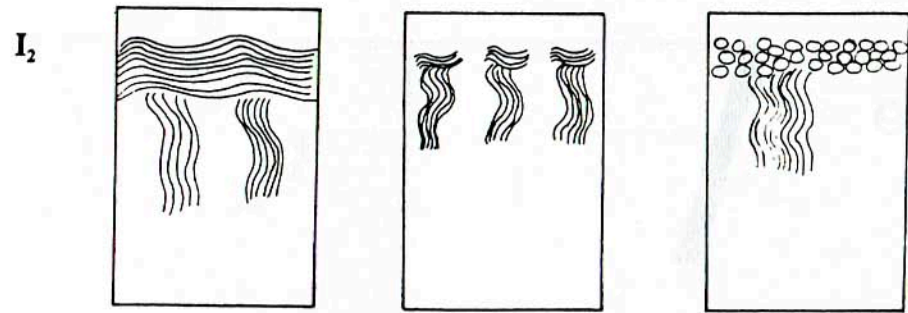
Fig. 1 — Planta esquemática da área escavada entre 1989 e 1991 (seg. S. O. Jorge, rel. inédito apresentado ao IPPAR).



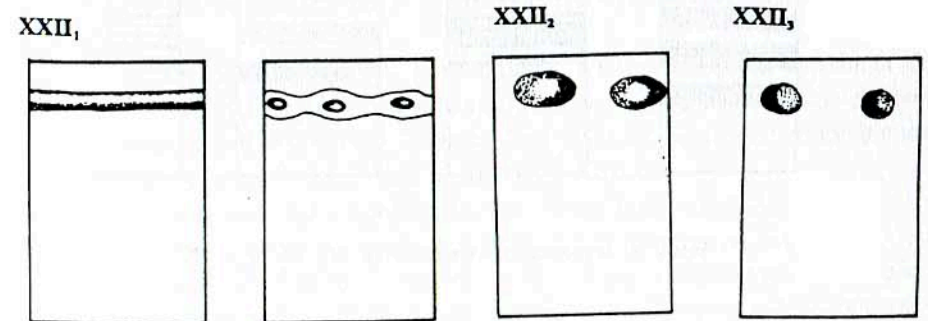
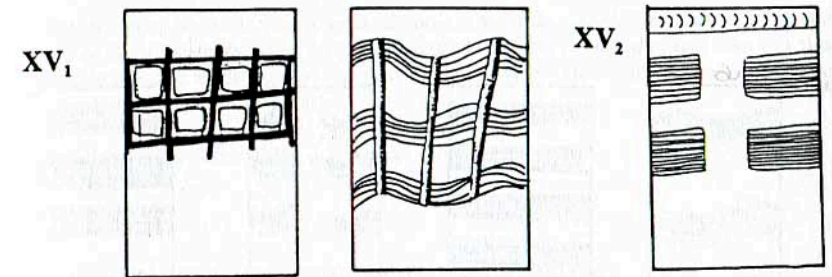
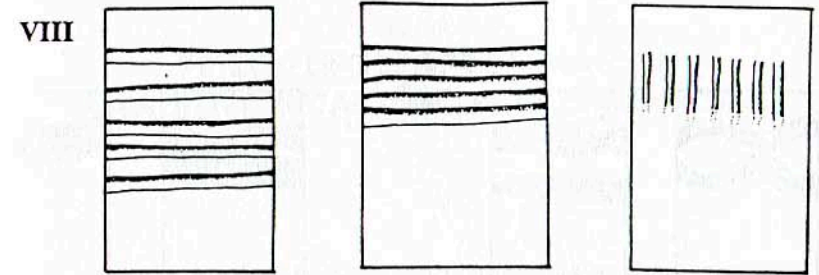
Tipos cerâmicos: 5 a 8.



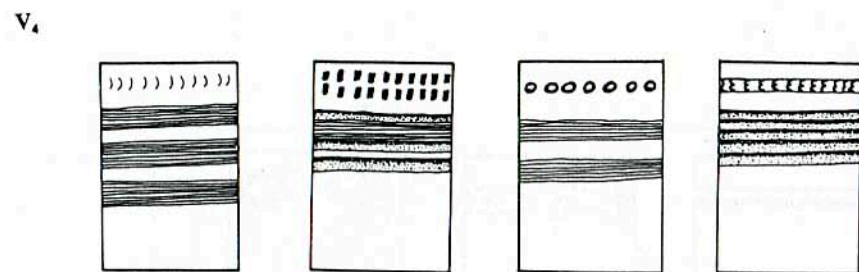
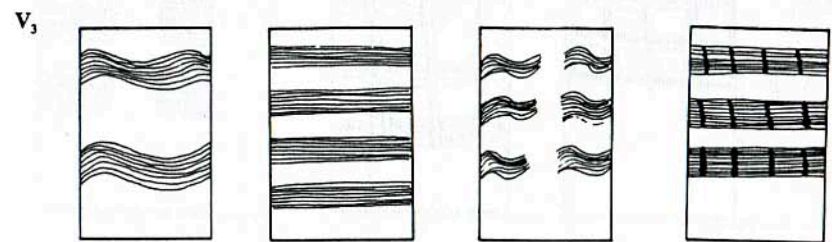
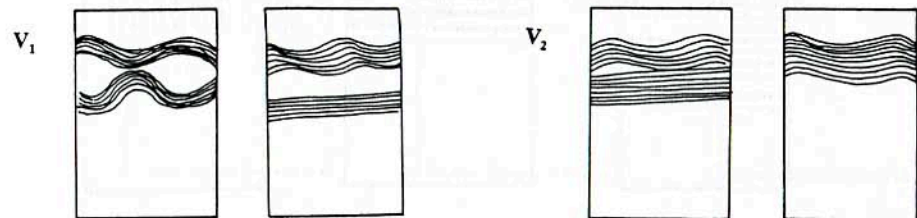
Tipos cerâmicos: 9 a 12.



Tipos de organizações decorativas: I₂, III e VII.



Tipos de organizações decorativas: VIII, XV₁, XV₂, XXII₁, XXII₂ e XXII₃.



Tipos de organizações decorativas: V₁, V₂, V₃ e V₄.